

Gruta do Bom Santo, em Alenquer, esconde necrópole neolítica

# Os segredos de uma catedral subterrânea

Maria do Céu Nogueira\*

Uma necrópole neolítica manteve-se intocada numa vasta gruta da serra do Montejuízo até 1993, ano em que foi descoberta por um jovem espeleólogo. Utilizada durante cerca de cinco séculos, a necrópole ocupa um espaço assombroso e contém ossos em ótimo estado de conservação, encontrados na mesma posição em que foram deixados pelos utilizadores da gruta, os pastores e agricultores que habitaram a Estremadura portuguesa há mais de quatro mil anos.

As escassas dezenas de quilômetros de Lisboa, num lugar chamado Bom Santo, escondem-se uma espécie de catedral subterrânea, templo de mortos e de mistérios, onde jazem intactos segredos guardados há mais de quatro mil anos.

É uma gruta, situada na serra do Montejuízo, concelho de Alenquer, que, ao que tudo indica, passou despercebida entre o final do Período Neolítico e o ano de 1993. Um silêncio de milhões de anos interrompido pelo jovem espeleólogo Frederico Regala, o primeiro a aventurar-se pelo seu interior.

O que este viu, tirou-lhe a fala: "Fiquei uns minutos que não conseguia dizer nada", recorda, em declarações à agência Lusa. "Se acordei quando ouvi as vozes dos meus colegas, lá fora, a chamar-me", prossegue.

A cerca de oito metros de profundidade, encontrou um salão subterrâneo de im-

portantes paredes rochosas, numa assombrosa configuração de espaço. No chão, sete crânios sobressaíam entre as ossas dispersas.

"Uma coisa assim, acoitame uma vez na vida", frisa Emanuel Carvalho, assistente de arqueologia e também membro da Associação de Estudos Subterrâneos e Defesa do Ambiente de Torres Vedras, que, tal como Regala, acompanha esta aventura desde o início.

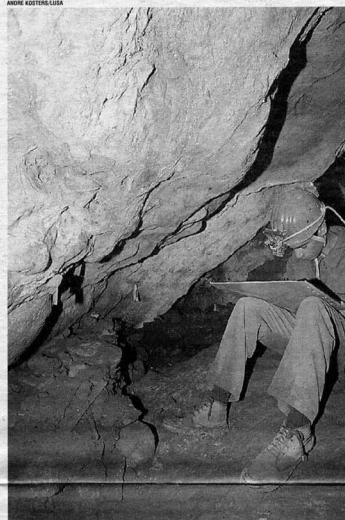
Quatro anos depois da descoberta, a gruta do Bom Santo continua a surpreender. "Temos trabalho para, pelo menos, mais 10 anos", garante Cidália Duarte, antropóloga, responsável pela investigação iniciada pelo Instituto Português do Património Arquitectónico (Ippar), agora a cargo do Instituto Português de Arqueologia (IPA).

As características da gruta são consideradas invulgares, senão mesmo únicas. Destacam-se, entre elas, o raro estado de conservação dos ossos devido à comprovada inexistência de uma ocupação posterior — o facto de eles terem sido depositados à superfície e ainda a inusitada dimensão da área.

A gruta desenvolve-se em espiral a três níveis, ocupando uma área total de 240 metros quadrados que integra oito "salas". Frederico Regala, o mais "esguio" dos investigadores, conhece-as a todas.

Os utilizadores da gruta seriam pastores e agricultores que habitavam a região da Estremadura no período final do Neolítico. A gruta terá sido usada como cemitério — necrópole — durante um período estimado em 500 anos.

No entanto, a observação dos ossos — no lado ou seu estado de conservação, e



Na gruta do Bom Santo existe uma necrópole intocada durante 4000 anos

por outro, a forma como foram dispostos no interior do recinto — permite formular várias questões sobre as práticas e rituais funerários dos nossos antepassados.

Na gruta foram encontrados somente três esqueletos completos, dois dos quais do sexo feminino. O resto são partes de esqueleto, alguns em conexão anatómica, outros dispersos, explicou à Lusa Cidália Duarte.

Todo o universo possível de uma população está representado: homens, mulheres e crianças, de várias idades. As aparentem ter sido depositados na gruta logo após a

morde — a chamada "deposição primária" — outros existentes que apontam para uma "deposição secundária", ou seja, chegaram já sob a forma de "ossadas".

Por outro lado, existem indícios de uma "organização de espaço" na gruta. Os ossos formam núcleos que poderão corresponder a famílias distintas ou a aldeamentos diferentes.

Aparar se os ossos pertencem a pessoas ligadas geneticamente entre si exige o recurso a testes de análise do ADN, uma técnica muito dispendiosa que Cidália Duarte procura viabilizar. "Com ela,

podemos ir muito mais longe nas descobertas", afirma. A antropóloga é bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian e está a preparar o seu doutoramento na Universidade de Alberta, Canadá, sobre "Os rituais funerários das comunidades neolíticas da Estremadura".

Com os dados de que dispõe até ao momento inclina-se para defender uma tese segundo a qual grutas como a de Bom Santo funcionariam como uma espécie de santuário, onde periodicamente se reuniam os ossos de uma ou mais populações.

Mas ainda é cedo para tirar conclusões, adverte. De qualquer forma, esta ideia explicaria, por exemplo, "o facto de existirem ossos colocados lado a lado em estados completamente diferentes de conservação".

A serra do Montejuízo foi recentemente visitada pela especialista canadiana em antropologia física Shauna McMurtry, que veio estudar alguns crânios com marcas de trações (intervenção cirúrgica), no intuito de perceber se elas foram efectuadas na sequência de doenças ou no âmbito de alguma ritual.

Na gruta tem também sido encontrados objectos característicos da época, como machados, enxós, lâminas, conchas perforadas, contas de xisto e braceletes "indissemelháveis" feitos em concha. Duas estavam ainda nos braços de esqueletos de mulher.

Os trabalhos de investigação, iniciados no Verão de 1994, continuados em 1995 e retomados este ano abrangem apenas à segunda sala, numa área de intervenção de 25 metros quadrados.

A aparente lentidão justifi-

ca-se pela delicadeza da tarefa. "Cidália Duarte, Frederico Regala, Emanuel Carvalho e um jovem colaborador de 16 anos chegam diariamente à gruta cerca das 9h e partem às 17h.

"Não damos pelo tempo passa", assegura Cidália Duarte. Instalam-se na sala das "sete cabeças" — a primeira quando se entra, assim designada devido ao achado inicial — com a naturalidade própria de quem se sente verdadeiramente "em casa".

Este ano, a campanha ocupou apenas o mês de Agosto, porque coincide com as férias de Frederico Emanuel, que participam nestas andanças apenas por amor à causa. De qualquer forma, a rudeza dos caminhos serranos que conduzem à gruta não impossibilita qualquer trabalho fora do período estival, declaram.

Os quartos estão alojados numa moradia cedida pelo Instituto Florestal, em plena serra, onde trabalham depois da noite fora, catolando a tinta da china o material recolhido durante o dia, que depois é enviado para o Museu de Arqueologia, em Lisboa.

Contam também com apoio logístico da Força Aérea Portuguesa e com a ajuda da Câmara Municipal de Alenquer, que lhes cedeu um indispensável jipe. Já, como a hipótese de abertura da gruta ao público está de todo excluída, dada a dificuldade dos acessos e a fragilidade do local, vai arrancar já este ano a construção de um Centro de Interpretação na Abrigada, a freguesia mais próxima.

O Centro, "que a arqueologia se dispôs de imediato a "viabilizar", conterá fotografias, alguns artefactos e reproduções por computador do que se passa no interior da gruta, pressão a antropologia. "Será uma forma de dar a conhecer e envolver a população, sobretudo as escolas, neste achado que é, realmente, fantástico", acrescentou.

\* jornalista da Lusa

CERCA de centena e actual de escavações arqueológicas decorrem atualmente no país: muitas delas, mais de 40, classificadas como "emergências" e outras, cada vez mais, promovidas por agentes de obras públicas. Em declarações à agência Lusa, o subdirector do Instituto Português de Arqueologia (IPA), Monge Soares, sublinhou que nos últimos anos tem vindo a aumentar de forma "significativa" o número de trabalhos arqueológicos financiados parcial ou integralmente por empresas responsáveis por construções e obras.

"Nota-se uma mudança de mentalidade a este respeito", disse, precisando que as escavações denominadas de "emergência" decorrem muitas vezes de situações deste tipo. Uma vez encontrados vestígios arqueológicos no decorrer de uma intervenção no terreno, torna-se

necessário apurar a sua importância antes de avançar com a obra em causa.

O recém-criado IPA gere ainda os mecanismos de financiamento e as vertes "herdadas" do Instituto Português do Património Arquitectónico (Ippar), entidade que até meados deste ano tutelava a área da arqueologia. Nesse âmbito, o Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos envolve em 1997 um montante de 50 mil euros, acrescido de um pacote de cinco mil contos para as intervenções de "emergência". Nova regulamentação de acesso a financiamentos para trabalhos arqueológicos está a ser preparada pelo IPA, devendo entrar em vigor no início de 1998.

No entanto, frisou Monge Soares, embora a realização de uma determinada escavação arqueológica dependa da "autorização" do IPA, o

seu financiamento pode provir de entidades diversas, como autarquias — que também se mostram cada vez mais sensíveis à actividade — organismos de juventude ou empresas.

Os meses de Julho, Agosto e Setembro correspondem normalmente ao período mais intenso em matéria de actividade arqueológica. Nesse Monge Soares explicou que este carácter sazonal deve-se ao facto de serem poucos os arqueólogos com possibilidade de se dedicarem às escavações a tempo inteiro.

"Na maioria são professores, universitários ou do ensino secundário, que aproveitam as férias escolares para ir para o terreno", precisou. Uma situação que se deve à inexistência, durante muitos anos, de uma carreira de arqueólogo devidamente estruturada.

Entrar as cerca de 140 escavações em curso,

de diferentes durações e características, destacando-se, por exemplo, as do tempo romano de Évora, da Sé de Braga e do Castelo de Silves. Outras, como a da gruta do Bom Santo, têm chamado a Portugal especialistas internacionais, pela invulgaridade dos seus achados.

"Será uma forma de dar a conhecer o trabalho" para os arqueólogos, tem vindo a verificar-se nos últimos anos um acréscimo de dinamismo na actividade, por um lado devido à tal mudança de mentalidades que, na prática, se traduz numa multiplicação das fontes de financiamento.

Por outro lado, entre professores e estudantes, serão ainda muitos os que, gratuitamente ou quase, fazem da arqueologia uma opção em período de férias.

Lusa